

POR UMA POÉTICA CURRICULAR COM OS COTIDIANOS ESCOLARES

FOR A CURRICULAR POETICS WITH THE DAILY SCHOOL LIVES

POR UNA POÉTICA CURRICULAR CON LA VIDA COTIDIANA ESCOLAR

Resumo: Trata-se do resultado da pesquisa de doutorado desenvolvida durante o contexto da pandemia da Covid-19 e do negogoverno instaurado no Brasil entre 2018 e 2022. Com o objetivo de problematizar os múltiplos currículos vividos-praticados-inventados com os cotidianos escolares, apostou-se na metodologia da pesquisa com os cotidianos e na epistemologia pós-estruturalista, fazendo uso da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari como aporte conceitual. Ao considerar os cotidianos escolares como espaços-tempos de tessitura curricular e de políticas inventivas, apostou-se na escrita como dispositivo vital que reverberou em múltiplas *escrevinhações-curriculantes*. O ato de escrever com os praticantes dos cotidianos escolares aquilo que lhes afetava desencadeou, para além de um método de produção de dados, um movimento curricular de experimentação da vida em um tempo de distanciamento social, assim, também, foi um modo de *encontros* (DELEUZE; PARNET, 1998). Por fim, ao defender uma poética curricular como da ordem dos afetos e, portanto, capaz de instaurar um outro devir, um outro estilo, uma outra criação, um outro modo de pensar-inventar currículos, faz-se uma defesa das escolas públicas como compromisso ético, estético e político desta pesquisa em educação.

Palavras-chave: Currículos. Pesquisa com os cotidianos. Escrevinhações-poéticas.

Recebido em: 29/06/2023
Aceito em: 24/08/2023
Publicação em: 31/08/2023



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v16i2.67133

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Marina de Oliveira Delmondes

Doutora em Educação

Professora da Secretaria Municipal da
Educação de Guarapari-ES, Brasil.

E-mail: marinaodelmondes@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8995-4932>

Carlos Eduardo Ferraço

Doutor em Educação

Professor da Universidade Federal do
Espírito Santo, Brasil.

E-mail: ferraco@uol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4019-591X>

Como citar este artigo:

DELMONDES, M. O.; FERRAÇO, C. E. POR UMA POÉTICA CURRICULAR COM OS COTIDIANOS ESCOLARES. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 2, p. 1-12, 2023. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i2.67133>

Abstract: It is the result of doctoral research developed during the context of the Covid-19 pandemic and the necrogovernment established in Brazil between 2018 and 2022. With the aim of problematizing the multiple lived-practiced-invented curricula with school daily life, a bet was made on the research methodology with everyday life and on post-structuralist epistemology, making use of Deleuze and Guattari's philosophy of difference as a conceptual contribution. By considering school routines as spaces-times of curricular texture and inventive policies, it was committed to writing as a vital device that reverberated in multiple scribbles-curriculum. The act of writing with the practitioners of everyday school life what affected them triggered beyond a method of data production, a curricular movement of experimentation of life in a time of social distancing, as well as a mode of encounters (DELEUZE; PARNET, 1998). Finally, by defending a curricular poetics as belonging to the order of affections and, therefore, capable of establishing another becoming, another style, another creation, another way of tinkering-inventing-curricula, a defense is also made of the public schools, as an ethical, aesthetic and political commitment of this research in Education.

Keywords: Curricula. Research with everyday life. Poetic writings.

Resumen: Es el resultado de la investigación doctoral desarrollada durante el contexto de la pandemia de Covid-19 y el necrogobierno establecido en Brasil entre 2018 y 2022. Para problematizar los múltiples currículos vividos-practicados-inventados con las rutinas escolares diarias, apostamos por la metodología de la investigación con la vida cotidiana y la epistemología postestructuralista, haciendo uso de la filosofía de la diferencia de Deleuze y Guattari como aporte conceptual. Al considerar las rutinas escolares diarias como espacios-tiempos de tesitura curricular y políticas inventivas, apostamos por la escritura como un dispositivo vital que reverberaba en múltiples escritos curriculares. El acto de escribir con los practicantes de la vida escolar cotidiana lo que los afectó desencadenó más allá de un método de producción de datos, un movimiento curricular de experimentación de la vida en un momento de distanciamiento social, así como un modo de encuentro (DELEUZE; PARNET, 1998). Finalmente, al defender una poética curricular como del orden de los afectos y, por lo tanto, capaz de establecer otro devenir, otro estilo, otra creación, otra forma de pensar-inventar currículos, también se hace una defensa de las escuelas públicas, como un compromiso ético, estético y político de esta investigación en Educación.

Palabras-clave: Currículos. Investiga con la vida cotidiana. Escritos poéticos.

1 ANUNCIANDO UMA PESQUISA: notas de um campo problemático

O presente artigo traz o resultado da pesquisa de doutorado desenvolvida entre os anos de 2019 e 2022, cujo objetivo foi problematizar os múltiplos currículos vividos-praticados-inventados com os cotidianos escolares. Ao anunciar uma pesquisa realizada com as escolas públicas que teve como objeto de estudo os currículos, faz-se necessário apresentar o campo problemático que atravessou a produção da tese.

Durante o período da pesquisa, experimentamos pelo menos dois acontecimentos que impactaram o campo educacional brasileiro, bem como outras dimensões e relações humanas. O primeiro fato afetou bruscamente a vida mundial, qual seja, a pandemia do coronavírus que durou três anos e, por aproximadamente um ano e meio, determinou medidas sanitárias para a contenção da propagação do vírus SARS-Cov-2 e exigiu o distanciamento social, o uso de máscaras e o fechamento do espaço escolar.

A prática docente precisou ser inventada com o advento da realidade pandêmica. Para muitos professores que, até então, tinham apenas vivido a experiência docente de modo presencial, inúmeros desafios emergiram dessa outra circunstância de viver-sentir-praticar-inventar com a escola. Talvez a maior problemática experimentada tenha relação com a sala de aula virtual e as práticas tecnológicas de ensino como possibilidade outra de educar.

No âmbito do fazer a pesquisa, esse tempo outro também provocou outras processualidades. Com o espaço escolar fechado, um movimento cartógrafo (KASTRUP, 2015) foi necessário para sentir o terreno no qual poderíamos pensar-pesquisar as práticas curriculares. Assim, no balançar de um acontecimento (DELEUZE; PARNET, 1998), expostos ao acaso, tateamos as linhas imanentes de um

currículo.

Na Rede Municipal da Educação de Guarapari-ES, onde esta pesquisa foi realizada, as atividades e o contato com os alunos no período de pandemia foram estabelecidos, inicialmente, por meio do WhatsApp e, depois, ampliado para videoaulas, podcasts, lives educacionais e ações formativas por meio do You Tube e Google Sala de Aula, como *ar-riscado* na poesia:

Vamos lá!
 Precisamos respirar,
 O ser humano não pode parar.
 Economia ou vida?
 Sem comida morreremos
 Sem vida, nada poderemos fazer.
 Em tempos de pandemia
 Não temos o que fazer.
 A ordem vem e nos cabe obedecer!
 Não temos escolhas.
 Precisamos comer, precisamos viver,
 E os nossos alunos?
 Necessitam aprender e se desenvolver.
 Em todo momento,
 Docentes e discentes buscam se entender.
 Os docentes buscaram formação,
 A tecnologia virou padrão.
 Padrão?
 Esqueceram daqueles que não têm pão.
 Youtube, computador,
 Internet, podcast,
 On-line, off-line
 Tablet, WhatsApp
 Plataforma, celular
 Onde isso vai chegar?
 Pouco importa de qual lado você está.
 Precisamos involuir,
 Caminhar, encontrar
 Nos tocar.
 Diante do acontecimento
 Buscamos
 Encontramos
 Planejamos
 Executamos
 Desafiamos

Superamos

Reinventamos

E não saímos do lugar (NÓS-EM-NÓS, 2021).

Informamos que os textos poéticos apresentados neste artigo foram escritos-inventados durante a *form-Ação* continuada, um dos meios de produção de dados, de aproximação com o objeto de estudo e de experimentação de uma vida com os cotidianos escolares. As poéticas produzidas de modo coletivo foram assinadas como NÓS-EM-NÓS, pois assumimos uma postura ética, estética e política nas criações curriculares coletivas.

Se o primeiro acontecimento é de ordem sanitária, o segundo é de ordem política. De 2018 a 2022, foi instaurado no Brasil um modo de governo considerado, por nós como *necrogoverno*. A conjuntura política, acirrada pela forma como a pandemia foi (não foi) administrada é entendida, por nós, como uma *necropolítica* (MBEMBE, 2020). Cabe mencionar que, até março de 2022, assistimos a 658.566 mortes em decorrência do coronavírus. A maioria oriunda das camadas mais pobres do país, de regiões onde as políticas públicas de saúde ainda são precárias, omissas e irresponsáveis.

Em um modo governamental aliado à necropolítica, a vida e o corpo se resumem a “[...] pedaços de carne inertes, dispersos e reunidos com dificuldade antes do enterro” (MBEMBE, 2020, p. 64). Assim, somos tomados pela inquietação de Mbembe (2020, s/p):

Agora, no entanto, o momento é de asfixia e putrefação, de amontoamento e cremação de cadáveres, em uma palavra, de ressurreição de corpos vestidos, ocasionalmente, com suas mais belas máscaras funerárias e virais. Será que a Terra, para os humanos, estaria em vias de se transformar em uma rota de despedaçamento, uma Necrópole universal? Até onde irá a propagação de bactérias de animais silvestres em direção aos humanos se, a cada vinte anos, quase 100 milhões de hectares de floresta tropical (os pulmões da terra) forem cortados?

O questionamento de Mbembe (2020) entrelaça este estudo provocando pensar: como temos cuidado da Terra e do povo? Como a Educação assume a responsabilidade política com a vida? Ao falar do direito universal à respiração, no que tange aos estudos curriculares e à pesquisa em Educação, como temos constituído espaços inventivos de uma ação curricular vital?

O currículo formal deixou de ser normal:

Ajustou, adaptou, encontrou, aproximou,

Distanciou e falou a língua bytes.

Teve presença, avaliação, didática e

Poucos abraços.

A pandemia que nos assustou e a outro transformou

Também contagiou o uso das novas tecnologias (NÓS-EM-NÓS, 2021).

As problematizações supracitadas indicam o campo problemático assumido no estudo. Consideramos que a pandemia escancarou uma realidade in-vizibilizada do campo social, econômico e educacional brasileiro ao ter a dimensão tecnológica como uma necessidade. Desse modo, questionamos: quais corpos acessaram o processo de ensino e aprendizagem por meio do uso da tecnologia? Que corpos sobreviveram a um modo de governo que lhes negava direitos básicos, a exemplo da saúde, uma vez que os discursos presidenciais negavam e colocavam em suspensão a eficácia da vacina?

Passados três anos do início do distanciamento social e do ensino no modo remoto e/ou híbrido, observamos, ainda, o reflexo do processo de exclusão social e tecnológica vivido por muitos brasileiros. Entendemos que um modo subjetivo de necropolítica pode ser pensado, portanto, como processos que se emaranham nas linhas da educação.

Se a poesia denuncia, por um lado, a precariedade da vida de uma parcela considerável do povo que ainda passa fome, a realidade das desigualdades sociais e tecnológicas e uma dose de imposição do que compete ao docente diante da realidade pandêmica; por outro, apresenta um corpo que, em meio ao cenário caótico, se aventurou a inventar outras práticas que chamamos de *escrevinhações-curriculantes*.

Nesse sentido, a pesquisa ganhou força ao apostar em uma dimensão ético-estético-político-poética de afirmação e defesa da vida e das escolas públicas. *Uma vida* (DELEUZE, 2002) com as escolas que resistiram aos desmontes educacionais e aos discursos presidenciais que negavam a potência da Educação, da Ciência e da Pesquisa no Brasil. Entre poucos abraços e muitos bytes, *uma vida* insurgia como modo de respiração por meio do ato de curricular. Currículos como verbo, como ação, como prática inventiva e poética com os cotidianos escolares.

Re(cortes)

Florestas

Matas

Rios

Re(cortes) da terra.

Re(cortes)

Vacinas

Ciência

Pesquisa

Re(cortes) de uma política.

Re(cortes)

Educação

Escolas

Currículos

Re(cortes) de uma vida.

No campo dos estudos dos currículos, em 2018, ocorreu a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo e obrigatório que determinou a elaboração e a adequação dos currículos no âmbito dos Estados e municípios. Na esfera municipal, lócus da pesquisa, a implementação das Diretrizes Curriculares Municipais (DCMs) aconteceria nos anos de 2019 e 2020.

Sendo assim, ao iniciarmos os per-cursos da pesquisa, estávamos interessados em problematizar os movimentos da implementação de uma prescrição curricular. Contudo, deparamo-nos com uma travessia que nos convidou a um caminho curioso e nômade para pensar-inventar outros modos arteiros de curricular com os cotidianos das escolas. A postura assumida como pesquisadores-cartógrafos foi a de acompanhar-tatear-sentir os espaços, as travessias, os rabiscos, os movimentos de um campo em criação. Nesse sentido, “[...] partimos do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade, o que coloca em questão o paradigma da representação” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 264).

Ao criar-conhecer o campo de estudo, fizemos uso da cartografia como metodologia da pesquisa, pois, conforme aponta Kastrup (2015, p. 32), a cartografia pressupõe

[...] acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no

estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo coletivizar a experiência do cartógrafo.

Portanto, o campo problemático desta pesquisa foi entrelaçado pelo tempo pandêmico e suas reverberações no cotidiano escolar, pelo necrogoverno e seus efeitos no campo educacional e as múltiplas invenções *escrevinhadeiras-curriculantes* que transbordaram com as escolas. Destarte, a aventura da presente escrita é pensar nos efeitos da pesquisa para outras criações curriculares utópicas e o fazemos a partir de uma das grandes apostas dos estudos que foram as *escrevinhações-curriculantes poéticas*.

2 ESCREVER-POETIZAR COM OS COTIDIANOS ESCOLARES: *epistemo-magias da pesquisa*

Para apalpar as intimidades do mundo, é preciso saber: a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca. b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer. c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos. d) Se o homem que toca de tarde sua existência em um fagote, tem salvação. e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos. f) Como pegar na voz de um peixe. g) Qual o lado da noite que umedece primeiro, etc. etc. Desaprender oito horas por dia ensina os princípios (BARROS, 2016, p. 16).

Ao iniciar este tópico com Manoel de Barros (2016), propomos pensar em outras perspectivas poéticas de reencantamento do mundo a partir das *escrevinhações-curriculantes*. O ato poético pode ter sido, ou não, uma ação de inventar vias de uma *respiração* (MBEMBE, 2020) necessária e urgente no campo da educação e dos estudos curriculares no espaço-tempo de realização do estudo, mas, mais ainda, a escrita poética foi uma aposta ética, estética e política assumida na pesquisa.

A partir de uma *form-Ação* continuada, denominada “Práticas-políticas curriculares da educação básica”, questionamos os currículos em articulação com as temáticas da pandemia, dos documentos prescritivos (BNCC e DCMs), do campo da formação docente, da avaliação, da inclusão, do campo social, dos corpos e das corporeidades. Contudo, *des-a-linha-mentos* de palavras borboletaram os modos de curricular da Rede Municipal da Educação do município de Guarapari-ES quando nos aventuramos em inventar currículos por meio de *escrevinhações poéticas*.

Nesse sentido, ao continuar esta *escrevinhação* com a poética de Barros (2016), indicamos a aposta estética em problematizar os currículos inventados com os cotidianos escolares como possíveis movimentos que, atualizados neste texto, podem, ou não, reencantar o mundo por meio das múltiplas experimentações poético-*escrevinhadeiras* com as escolas.

A força poética foi invocada como um gesto desestabilizador de práticas-políticas que negavam a ciência e desvalorizavam a educação pública e os *praticantes* (CERTEAU, 2014) das escolas. A poesia ou o texto poético foram assumidos como um modo de respirar em meio ao caos, entendendo-os também como arte e, portanto, como uma potência dos afetos capaz de instaurar um outro devir, um outro estilo, um outro movimento vital com a terra, uma outra escrita curricular.

Assumindo um lugar de poetas clandestinos, aventuramo-nos em uma escrita menor a partir dos movimentos arteiros explorados com as escolas públicas. Entendemos a poesia e o ato poético a partir de Lawrence (2016, p. 3):

Poesia é uma questão de palavras. Poesia é também o afinar de palavras dentro de um murmúrio, de uma melodia, ou de rastro de cores. Poesia é a sugestão prismática de uma ideia. Poesia é tudo isso e ainda alguma coisa a mais. Dados todos estes ingredientes, você obtém alguma coisa bem parecida com poesia, algo de que poderão dizer ‘Oh! Isso é muito patético’. E ‘o que é muito poético’, como um brique, estará na moda. Mas a poesia ainda é outra coisa.

A *escrevinhação* poética como arteirice coletiva dos corpos que entraram em composição com as escolas e que participaram da pesquisa buscou “[...] um novo esforço da atenção e ‘descobre’ um mundo dentro do mundo conhecido” (LAWRENCE, 2016, p. 6) no qual a escrita convocou a uma *desaprendência* como dispositivo vital. Poeticamente, desaprender tem a ver com romper com a imagem do pensamento que considera a prescrição curricular, ou seja, a BNCC e/ou a DCM como o único currículo possível para o cotidiano escolar.

Ao pensar este estudo com Gallo (2017, p. 314), entendemos, também, a poética como revolta: “Não há ação transformadora sem revolta, sem essa revolta que habita o âmago de nosso ser e é constitutiva dele. E o outro nome de tal revolta, diz Camus, é o amor; por isso ela é afirmação da vida” Afirmar um modo de vida é, nesse sentido, pensar nos cotidianos escolares como espaços-tempos onde-quando uma microalegria pode insurgir com as *escrevinhações-curriculantes*.

Em cada janela uma vida.

Em cada vida uma possibilidade em devir.

Em cada devir um acaso.

Em cada acaso um gesto...

Gestos que extravasam aventuras com os cotidianos das escolas e escapam por entre as frestas de uma janela.

Ali, naquele curto espaço-tempo, em meio ao colapso mundial do vírus, uma vida é convocada a sentir [...] (NÓS-EM-NÓS, 2021).

A aposta metodológica nas pesquisas com os cotidianos decorre do fato de assumirmos a escola como lócus de invenções de práticas-políticas de currículos. A partir de Oliveira e Sgarbi (2008, p. 65), entendemos:

Se o cotidiano faz tanto parte da modernidade – e de tudo antes dela – quanto da pós-modernidade – e de tudo após ela –, ele é a própria rede em que os conhecimentos todos se misturam na invenção da vida social. Talvez por isso, mais que uma epistemologia, o cotidiano seja uma epistemomagia.

Tecer uma pesquisa com os cotidianos em um tempo pandêmico e de negacionismo só foi viável porque acreditamos em uma vida possível inventada em meio às imprevisibilidades cotidianas. Brincando com as palavras, afirmamos que uma *epistemo-magia* poética foi inventada a partir da escrita como método de produção de dados, como um modo de respiração e como um dispositivo vital.

Para sentir o mundo (ALVES, 2008), inventar currículos e acessar os cotidianos escolares em um tempo pandêmico, cuja prudência maior era cuidar da vida e da saúde de modo que evitássemos o contágio, desenvolvemos por meio de redes de conversações virtuais, quinze encontros formativos com um total de trinta e cinco profissionais da educação.

Em cada módulo da *form-Ação* continuada, uma proposta de escrita era disparada a partir de uma temática. O ato de escrever com os cotidianos escolares aquilo que lhes afetava desencadeou, para além de uma processualidade da pesquisa, um movimento de experimentação da vida. Escrever-inventar poéticas afetas ao que foi vivido-experenciado com as escolas em um período de medo, insegurança, perdas, distanciamentos, des-encontros e, também, de criações outras, fez com que um modo de curricular insurgisse. Ao apostar na potência da escrita, consideramos com Machado (2010, p. 221):

Escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona, é procurar uma saída, encontrar novas possibilidades, novas potências de vida. Pois, em continuidade com sua concepção do exercício do pensamento, ou do que significa pensar, a criação artística é, para ele, o ato de tornar visível o invisível, tornar audível o inaudível, tornar dizível o indizível – ou, para formular essa ideia em toda a sua abrangência, tornar pensável o impensável.

3 POR UMA ESCRITA MENOR

Indicamos até aqui que a escrita se configurou em uma metodologia da pesquisa ao se tornar um método de produção de dados. Contudo, a potência ativa do ato *escrevinhadeiro* foi um modo de escapar ao que aprisionou os corpos durante o período de isolamento social. Tivemos um bom encontro com a escrita. Dessa forma, escrever é, também, um modo de curricular. Assim,

[...] escrever funciona para mim como uma febre incontrolável, que arde, arde, arde... A professora olhava querendo ser natural, a turma ri e eu escrevia. Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida (EVARISTO, 2018, p. 116).

Em nossas pesquisas em educação, apostamos na epistemologia pós-estruturalista, tendo como aporte teórico-conceitual a Filosofia da Diferença, predominantemente, a partir dos estudos de Deleuze e Guattari. Ao enunciar “Por uma escrita menor”, inferimos que a pesquisa foi atravessada pelo conceito *menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2017), apontando uma desterritorialização da escrita maior.

Brincamos com as palavras, *des-a-fiamos* o rigor acadêmico e adotamos um estilo minoritário como força ética da escrita. Por isso não se trata somente de textos *ar-riscados* em poesias, mas de uma pesquisa curricular ética, estética, política que se desejou poética. Desse modo, “Mesmo maior, uma língua é suscetível de um uso intensivo que a faz escoar seguindo linhas de fuga criadoras, e que, ainda que lento, cauteloso, forma uma desterritorialização absoluta” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 52).

Assim, fizemos uma tentativa de criar outros possíveis com o gesto de escrever, tomando-o como uma *escrevinhação* acadêmico-poético-literária menor. Em consonância com a aposta metodológica, a intenção foi narrar a vida e literaturalizar a ciência, como proposto nos estudos de Alves (2008).

Nesta pesquisa em educação, o uso do conceito *menor* foi apropriado para pensar na potência das invenções cotidianas como política curricular na produção da diferença. Portanto, o que nos interessou, e ainda nos interessa, está na dimensão dos efeitos que toda prática menor pode fazer suscitar, ou seja, o que pode uma escrita menor em educação e nos estudos *curriculantes*.

A vida pulsa e a gente sonha

Um sonho que se atualiza

Irrompe estrada e adentra em outras vidas se tornando uma experiência outra.

A vida pulsa e se abre:

Livros, cadernos, corpos, escritas

A vida pulsa e a gente, simplesmente, flui

Fissura... rompe... violenta...

Verbos-gestos-gostos-afetos...

Nas múltiplas travessias da pesquisa, a produção de uma resistência poética à maquinaria capitalística suscitou um corpo curricular *menor*. Ressaltamos, não se trata de dicotomizar as políticas de currículo determinando qual é o maior e qual é o menor. Ao questionar os processos curriculares, entendemos que há produções que emergem do *aparelho de Estado* e há invenções que insurgem em uma *máquina de guerra nômade*.

No campo deste estudo curricular, considera-se como currículo maior os documentos prescritivos, normativos e orientadores, a exemplo da BNCC, das Diretrizes Curriculares, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), idealizados e legitimados pelo aparelho de Estado. Um currículo menor pode ser considerado oriundo das práticas-políticas tecidas-inventadas-praticadas com os cotidianos escolares. Sabendo que ambas as dimensões, menor-maior, coexistem em um mesmo território, o nosso interesse ancorou-se nos efeitos que uma prática curricular inventiva pôde criar *com* as escolas.

4 POR UMA POÉTICA CURRICULAR

A composição de um estudo menor em educação possibilitou que insurgissem múltiplas invenções escolares como um modo de micropolítica ativa que, por sua vez, concerne à política do desejo e a uma ética da criação. A política do desejo inspirou pensar os currículos como políticas inventivas, como experimentações de uma vida, como gestos arteiros dos praticantes das escolas, como práticas legítimas do processo educacional.

Ao dizer que uma micropolítica ativa se refere a uma ética da criação, entendemos que, a partir do que é vivido *com* os cotidianos escolares, é possível a efetuação de cortes no campo do instituído e a produção de linhas de fuga que conduzem a uma ética pulsional-vital. Assim, as *escrevinhações-curriculantes* pensadas como uma poética curricular foram movimentos arteiros na constituição de uma vida possível *com* as escolas em um período nefasto. Tecer um modo outro de curricular fundamentado na Filosofia da Diferença foi fazer o exercício ético e político com *uma vida* (DELEUZE, 2002) e, no âmbito deste estudo, uma vida no ritmo da poesia.

Re-torno
de um lugar não saído
de um canto habitado há muito por muitos
de olhares que ditavam uma resistência entre um frio e uma anunciação.
(lá fora chove e aqui, aqui o tempo anda nublado).
Re-torno de abraços inauditos
de estômagos desejando os risos da criançada
do vazio ecoante dos corredores povoados das vozes silenciadas da meninada.
Re-torno
do chão traçado
de um zigue-zague cronometrado
de um pode-não pode
pode
Re-torno
da vida paralisada por um vírus invisível
da agitação virtual promovida pelos enlaces tecnológicos
do distanciamento tão presente
dos corpos
de uma vida que se fez tela-quente dos encontros
Re-torno
de uma des-aprendência:
cadeiras bem posicionadas
corpos enfileirados
cada um no seu quadrado
setas para todo lado e ainda assim:
gritos correndo soltos por detrás das máscaras
afetos em meio a uma vida demarcada.
traços de um risco abraçado
uma vida a pedir passagem:

deixe-me ir enquanto fico por aqui!

Re-tornos

Improváveis retornos (NÓS-EM-NÓS, 2021).

Uma poética curricular invocou “[...] a composição e o corpo de cada presente como palco de uma experiência poética” (BOM-TEMPO, 2021, p. 80). Nesse sentido, os currículos inventados com as escolas nos fazem questionar o que se entende por currículo, mas também nos conduz a experimentar com o corpo um outro modo de escrever políticas curriculares.

Como um dispositivo vital, a escrita foi um encontro-força que oportunizou aproximações, contágios e afetos e que, pode ou não, ter se configurado como um direito à respiração em um período tão emblemático da história. As *escrevinhações-curriculantes* como poéticas foram inventadas na tentativa, também, de fissurar as políticas arregimentadas pelo aparelho de Estado de modo a criar uma possível máquina de guerra nômade como força vital que emerge dos currículos criados com as escolas.

Consideramos que uma vida im-perceptível pode ser identificada em cada *escrevinhação-curriculante* germinada com a pesquisa. Diríamos, *uma vida* curricular flertou com o acaso ao se aventurar por uma cartografia e ao desterritorializar os corpos do objetivo inicial de questionar os processos de efetivação de uma prescrição curricular para o propósito de sentir-pensar-criar com as escolas outras possibilidades arteriais de *encontrar com*.

Nesta pesquisa, entendemos que uma educação menor pode entrar em movimentos rizomáticos e produzir um modo de resistência poética para afirmar a potência dos cotidianos escolares e, de modo especial, a potência da escola pública. Aqui, não romantizamos os processos e desafios educacionais, mas fazemos uma defesa da escola pública como ato político.

Um currículo escrevinhadeiro-poético-rizomático pressupõe aberturas, itinerâncias, errâncias, aprendências, um nomadismo turbilhonante. Nesse sentido, Deleuze e Parnet (1998, p. 36) contribuem ao delinear o conceito de rizoma:

Há, em toda parte, centros, como multiplicidades de buracos negros que não se deixam aglomerar. Há linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memórias, que resistem à máquina binária, devirmulher que não é nem homem nem mulher, devir-animal, que não é nem bicho nem homem. Evoluções não paralelas que não procedem por diferenciação, mas saltam de uma linha a outra, entre seres totalmente heterogêneos; fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes [...]. Tudo isso é o rizoma.

As múltiplas linhas curriculantes criadas no decorrer da pesquisa de doutoramento revelaram que, em frente às formas-matérias produzidas pelo aparelho de Estado, deliberado e legitimado nas escolas por meio dos documentos normativos, pode ter havido, ou não, *máquinas de guerras nômade* turbilhonando os fluxos de uma processualidade e reverberado forças inventivas.

Ao longo dos anos de 2019, 2021 e 2022, experimentamos um currículo produzido sem previsibilidade, sem data e hora agendadas, sem uma burocracia que impusesse uma forma de dizer o que deveria ou não ser ensinado e/ou aprendido. Vivemos uma criação coletiva de modos outros de sentir-pensar-praticar-inventar escolas, currículos, vidas.

Se o desejo que emana é por uma poética curricular como força ativa de uma microalegria, *in-concluimos* esta escrita com uma poesia:

De longe avisto a meninada

Nas marcas de um piso demarcado, o corre-corre faz morada.

De um lado, ainda há quem ande com máscaras

Do outro, já podemos apreciar os sorrisos e outros modos de contágios.

O fim da pandemia foi recentemente anunciado
Mas a prevenção, arduamente conquistada, permanece sendo com o povo
vacinado.

No virar da página, um outro governo eleito foi aclamado

Hoje proferimos aliviados: Viva a democracia!

As tecnologias assumiram um outro lugar:

Comunicar, ensinar, registrar, fotografar, enviar...

Tantas são as ações que é impossível todas citar.

No que tange às questões sociais

Ainda temos um caminho a andar

Mas, o básico podemos proporcionar.

Se aqui estamos tratando de uma vida

Podemos afirmar: é da arte de curricular.

Dissemos daquilo que nos passa, nos afeta, nos incomoda, nos faz ar-riscar

E, também, daquilo que ainda nos move a pesquisar.

Um corpo-educação é convidado a brincar

Por linhas escrevinhadeiras, um traço de poética a experimentar.

Seguimos inventando currículos com o cotidiano escolar

Tecendo uma resistência ativa que nos faça alegrar.

Por outras criações arteiras que possibilitem reencantar

Seguimos inventando utopias com a arte de curricular.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês B. de (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BOM-TEMPO, Juliana. O que podem os corpos quando não há amanhã? In: MONTEIRO, Alezandrina; VICENTIN, Marcelo; CORRÊA, Mirele; GALLO, Sílvio (org.). **Conexões**: Deleuze e corpo e cena e máquina e... São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Revista Educação&Realidade**: Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>. Acesso em: 23 maio 2023.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro, RJ: Pallas Míni, 2018.
- GALLO, Sílvio. Insurreições escolares? In: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvio (org.). **Michel Foucault e as insurreições**. É inútil revoltar-se? São Paulo: CNPq, Capes, Fapesp, Intermeios, 2017.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível em:

<https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal*, Ver. **Psicol**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 maio 2023.

LAWRENCE, David Herbert. **Caos em poesia**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2016.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MBEMBE, Achille. **O direito universal à respiração**, 2020. Disponível em https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf Acesso em: 12 mar. 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).